

# Jazidas siliciosas da região de Vila do Bispo (Algarve)

Hugo Veríssimo

Mestrando em Arqueologia na Universidade do Algarve

## Introdução

Embora a parte ocidental do Algarve seja reconhecida como detentora de um elevado potencial arqueológico, espelhado na paisagem pela profusão de elementos megalíticos (Gomes e Silva, 1987), apenas nos últimos anos se têm desenvolvido estudos continuados acerca da Pré-História deste território.

O projecto cujos primeiros resultados se sintetizam aqui procura contribuir para o incremento de informação utilizável neste contexto cronológico e espacial, incidindo numa perspectiva geológica da investigação arqueológica.

O objectivo deste trabalho é a recuperação de informação de carácter geológico através de trabalhos de prospecção direccionados para a identificação e recolha de amostras de fontes de matérias-primas líticas potencialmente utilizadas no talhe.

As matérias-primas são analisadas e classificadas apenas macroscopicamente, prevendo-se que futuramente este estudo seja aprofundado de modo a englobar análises mais rigorosas.

Este projecto específico decorre no contexto dos projectos de investigação de António Faustino Carvalho ("*O processo de neolitização no Algarve*") e de Nuno Ferreira Bicho ("*A importância dos recursos aquíferos no Paleolítico do Algarve*"), actualmente em curso<sup>1</sup>.

A área estudada corresponde ao concelho de Vila do Bispo (Fig. 1).

## Breve enquadramento geológico

A região objecto de análise corresponde ao concelho de Vila do Bispo (distrito de Faro), o qual se estende desde a localidade de Barão São Miguel, a Este, até ao Cabo de São Vicente, a Oeste, onde é delimitado pela presença do Oceano Atlântico. O concelho de Vila do Bispo abarca uma área de aproximadamente 179 Km<sup>2</sup>.

Para realizar uma breve caracterização geológica daquela área recorreu-se à folha

---

<sup>1</sup> Projectos financiados pelo PNTA do IPA e pela FCT (POCTI/37543/HAR/2001 e POCTI/39434/HAR/2001, respectivamente, do QCA-III, com fundos FEDER).

ocidental da Carta Geológica da Região do Algarve, à escala 1:100.000, elaborada pelos Serviços Geológicos de Portugal.

Com o objectivo de facilitar a caracterização geológica do concelho de Vila do Bispo considerou-se a mesma vila como sendo elemento de charneira entre realidades geológicas distintas presentes a Norte e a Sul da referida vila. Assim sendo, a Norte de Vila do Bispo predominam as formações do Carbónico Superior Vestefaliano, destacando-se os xistos e os grauvaques. Na linha de costa esta formação desce um pouco até à extremidade Norte da praia da Ponta Ruiva.

A faixa "horizontal", Este-Oeste, que atravessa Vila do Bispo, caracteriza-se pela presença de formações do Triássico Superior, nomeadamente pelos arenitos de Silves ("Grés de Silves"). Esta formação prolonga-se para Este apenas até à localidade de Guadalupe.

O paralelo imediatamente abaixo deste é caracterizado pelos pelitos, calcários e evaporitos de Silves, pertencentes à transição entre o Triássico Superior e o Jurássico Inferior.

Justapostos aos elementos anteriormente referidos, surge o Complexo Vulcano-Sedimentar Básico com dolomitos intercalados, tendo algumas destas zonas pequenas áreas de argilas vermelhas. Estes elementos, pertencentes ao Jurássico Inferior, organizam-se segundo uma orientação NE-SW, seguindo de certa forma a orientação geral da Costa Sul entre a Baía de Lagos e a Ponta de Sagres.

Seguidamente, caminhando para Sul, surgem os dolomitos e os calcários dolomíticos, do Triássico Inferior, os quais se desenvolvem com a mesma orientação NE-SW, tal como os elementos atrás mencionados.

As várias formações geológicas localizadas a Sul de Vila do Bispo são sendo cobertas, a Oeste, ao longo da costa, por uma "língua" de dunas e cascalheiras holocénicas, tendo uma orientação aproximada de Norte para Sul. No entanto, no caso dos dolomitos e dos calcários dolomíticos, estes voltam a aparecer junto ao Cabo de São Vicente, juntamente com pequenas ocorrências de nódulos de sílex, nomeadamente no próprio Cabo de São Vicente e na Praia do Belixe.

Os elementos geológicos seguintes, obedecendo à orientação proposta, são os calcários e os dolomitos de Álmadena, datados do período Jurássico Médio, sendo estes procedidos por calcários argilosos, margas e conglomerados da Praia do Tonel, pertencentes ao Jurássico Superior.

A análise precedente permite de forma resumida e genérica a percepção das características geológicas do concelho de Vila do Bispo, sendo facilmente reconhecida uma clara diferenciação entre as partes Norte e Sul do concelho. A parte Norte, constituída maioritariamente por xistos e grauvaques, morfologia que se estende de forma homogénea até Sines. A parte Sul do concelho tem uma realidade completamente dis-

tinta, destacando-se a heterogeneidade característica da Costa Sul do Barlavento Algarvio.

As diferenças geológicas apontadas vão criar uma diferenciação geográfica das linhas de costa e paisagens entre a Costa Ocidental e a Costa Sul do concelho de Vila do Bispo. Assim, a Costa Ocidental é caracterizada por um traçado rectilíneo, com grandes arribas, demonstrando estas a acção erosiva do mar. Bastante enérgico, o mar da Costa Ocidental cria plataformas de abrasão marinha que atingem altitudes bastante consideráveis, chegando aos 140 metros. Esta costa é marcada por reduzidas praias, que não são mais do que pontos onde desaguam pequenas linhas de água. Estas linhas de água são, contudo, mais frequentes na zona xistosa do que na zona calcária do Cabo de São Vicente. Deste modo, a Costa Ocidental torna-se então de difícil acesso marítimo, uma vez que não tem praticamente reentrâncias de forma a criar abrigo dos fortes ventos de quadrante Noroeste e da agitação marítima praticamente constante durante todo o ano.

A Costa Sul é, por sua vez, uma costa mais "suave", quer em termos de agitação marítima, quer em termos eólicos, levando desta forma a uma erosão mais lenta e diferencial, o que cria várias enseadas e praias de maior extensão, localizadas quase sempre junto a fozes de linhas de água temporárias. A Costa Sul apresenta assim boas condições de acesso por via marítima, tornando-se privilegiada para a deslocação humana e para os contactos por via marítima.

O concelho de Vila do Bispo é dividido, à imagem do Algarve na sua generalidade, por serra, barrocal e litoral. A serra caracteriza-se por ser xistosa, sobressaindo os montes de topo arredondado e vertentes de declive acentuado, onde os cursos de água sazonais se encaixam formando vales abruptos. O barrocal, presente na Costa Sul, apresenta por sua vez um relevo mais uniforme, menos declivoso. Quando surgem elementos que se demarcam na paisagem, estes devem-se, na maioria dos casos, à presença de dolomitos e calcário dolomítico, que resistem de forma prolongada à erosão. O barrocal é caracterizado pelo declive suave e por longos e amplos vales onde se desenvolvem pequenas ribeiras. O litoral, anteriormente referido, varia bastante da Costa Ocidental para a Costa Sul, sendo o relevo mais suave na Costa Sul.

## Metodologia

A localização e estudo das fontes de matéria-prima revela-se essencial para o conhecimento dos vários sítios arqueológicos, bem como para o entendimento das relações estabelecidas entre as comunidades humanas e o seu meio ambiente. As análises destas fontes de matéria-prima, ao permitirem no futuro a comparação com materiais pro-

venientes de contexto arqueológico, vão permitir a elaboração de modelos de ocupação e deslocamento no território para aquisição de materiais, levantando ainda a hipótese da existência de trocas entre diferentes grupos.

Devido às suas qualidades mecânicas e tipo de fractura conchoidal, o sílex foi o material lítico de excelência utilizado pelas comunidades humanas pré-históricas para a elaboração de utensílios, uma vez que permitia a obtenção de gumes muito afiados e resistentes através da simples percussão. A procura de sílex foi tal que deu origem a trocas comerciais, chegando mesmo a ser explorado em verdadeiros poços e galerias de mina, das quais se conhecem alguns exemplos na região de Lisboa.

Deste modo, o presente trabalho incidiu preferencialmente no estudo desta rocha. A metodologia empregue passou pelas seguintes etapas:

#### *Consulta bibliográfica*

O primeiro passo foi a consulta da bibliografia existente sobre a matéria. Embora já tenham sido elaborados estudos similares para outras regiões do País, como é o caso da Estremadura (p. ex., Shokler, 2002) ou do Vale do Côa (p. ex., Aubry e Mangado, 2003), a bibliografia disponível sobre este tema é ainda bastante limitada, o que de certa forma salienta a necessidade de novas abordagens ao mesmo.

#### *Análise cartográfica e toponímica*

A análise cartográfica e toponímica teve como objectivo delinear áreas de possível interesse para o posterior trabalho de campo, para a qual foi importante a localização de topónimos que poderiam estar directamente associados a recursos líticos, como por exemplo "Cascalhar", "Pedralva" ou "Cerro das Pedras", entre outros.

#### *Localização e recolha de amostras de jazidas já conhecidas*

O trabalho de campo iniciou-se com a relocalização das jazidas de sílex previamente conhecidas, a saber: Ponta da Atalaia, Praia do Belixe, Belixe e Vale Santo (Fig. 1). O conhecimento prévio destas jazidas deveu-se ao trabalho de campo levado a cabo anteriormente por N. F. Bicho durante a prospecção arqueológica no concelho de Vila do Bispo (Bicho *et al.*, 2000, 2003; Ferring *et al.*, 2000).

#### *Prospecção e procura de novas jazidas*

A procura de novas jazidas que possam enriquecer a informação disponível assumiu-se como sendo o cerne deste trabalho, tendo-se procurado uma abordagem sistemática do terreno, dando mais importância às áreas geológica e litologicamente de maior potencial. Desta forma, após alguns dias de adaptação ao terreno e observação geral do mesmo, tornou-se clara a diferença natural entre o Norte (de substrato xistoso e grau-

váquico) e o Sul (de substrato calcário) de Vila do Bispo. Dadas as características geológicas da parte Sul deste concelho, com maior potencial para a presença de sílex, e também a maior visibilidade do solo permitida pelo coberto vegetal menos denso, os trabalhos de campo incidiram sobretudo na metade Sul de Vila do Bispo.

A cada descoberta em trabalho de campo correspondeu a sua assinalação na carta militar correspondente através de um ponto de localização, do topónimo e da tipologia da jazida. Todo o trabalho de campo foi acompanhado de anotações e do preenchimento de um formulário pré-concebido que incluía ainda, entre outros aspectos, a localização G.P.S. das jazidas, as características da área envolvente, as fotografias colhidas, a quantidade do material presente, e um apontamento resumido das características do sílex, segundo uma breve análise macroscópica.

O facto de a prospecção ter sido levada a cabo por apenas uma pessoa levantou uma série de dificuldades que podem afectar os resultados finais de um levantamento deste género. A maior dificuldade prende-se sem dúvida com a forma de abordagem ao terreno, ou seja, a prospecção é elaborada segundo um modelo de pequenas deslocações no campo, sem abranger extensões muito largas. Como forma de minimização deste inconveniente, tentou-se levar a cabo incursões sistemáticas, ou seja, várias passagens com pouca distância entre si, de forma a abranger uma área maior.

#### *Análise e caracterização das amostras líticas*

Após a recolha das amostras, fruto do trabalho de campo, a fase seguinte consistiu na análise das mesmas. A sua classificação macroscópica fez-se segundo o modelo de L. V. Pirsson (tal como citado e apresentado na obra de Costa, 1985).

A classificação dos materiais teve em conta distinções internas quanto à cor, textura, inclusões e dimensões, entre outros, em cada uma das jazidas identificadas (Luedtke, 1992). Estas informações, organizadas em fichas, servirão posteriormente servir de base para a comparação com o material proveniente de contexto arqueológico.

### **Apresentação e descrição das jazidas de sílex**

As jazidas de sílex identificadas no concelho de Vila do Bispo têm uma tendência natural, geológica, para se agruparem na área abrangida pela Carta Militar de Portugal n.º 609. Estas jazidas apresentam alguma heterogeneidade entre si, o que poderá facilitar a posterior identificação da proveniência da matéria-prima dos artefactos inseridos em contexto arqueológico.

Quanto ao estado de conservação das jazidas, estas foram classificadas em três tipos principais:

- TIPO A: Jazidas em estado primário. A Praia do Belixe (PBX) é a que melhor representa este tipo de situações; nela encontram-se apenas nódulos incrustados no calcário.
- TIPO B: Jazidas primárias em fase de dismantelamento. Tratam-se de ocorrências em que existem nódulos incrustados no calcário, mas a maior parte da matéria-prima encontra-se à superfície – ou incrustada em blocos de calcário dispersos – em fase de dismantelamento por acção da erosão.
- TIPO C: Jazidas secundárias. Nestas, o material apenas surge à superfície, desincrustado do calcário onde formou, o que permite concluir que o sílex não se encontra na sua posição original.

Quanto à dimensão dos nódulos, estes variam significativamente. Jazidas como as de Ponta da Atalaia (PTA), Cabo de São Vicente (CSV) e ainda Foz dos Fornos (FZF) apresentam nódulos de pequenas dimensões, entre 1 a 6 cm, enquanto que jazidas como Belixe Sul (BXS) ou Vale Santo (VST) têm nódulos que chegam a atingir os 11 cm.

Em termos cromáticos, existe uma importante diversidade entre as várias jazidas, sendo poucas as que apresentam características comuns. Este aspecto é fundamental para a distinção de proveniência de material em contexto arqueológico, uma vez que o talhe altera consideravelmente a volumetria inicial dos nódulos de matéria-prima, sendo também na maior parte dos casos eliminadas as áreas corticais. Devido a estes factores, tornou-se essencial a divisão dos vários tipos de sílex consoante a cor e a uniformidade da mesma (cor de base, cor das bandas e inclusões), de modo a facilitar a sua identificação posterior.

A Tabela 1 resume os tipos de sílices provenientes das jazidas estudadas no decurso deste trabalho, descrevendo-os por extenso e atribuindo-lhes uma classificação cromática tendo como base a tabela de Munsell.

A Tabela 2 reúne a informação descritiva principal de cada uma das jazidas identificadas até ao momento, incluindo o topónimo, o tipo de jazida (se primária, secundária ou em dismantelamento), a sua extensão, as dimensões médias dos nódulos, e a presença / ausência de material lascado, para além obviamente dos tipos de sílex presentes. A localização de todas as jazidas (assim como do nódulo isolado do Belixe) encontra-se na Figura 1.

### Nota final

Neste trabalho foram estudadas dez jazidas de sílex, das quais apenas a localização de quatro era conhecida à partida. As análises macroscópicas da matéria-prima

proveniente destas jazidas permitiu uma primeira associação, ainda muito preliminar, e por essa razão não apresentada no presente texto, a alguns sítios arqueológicos conhecidos na região, levantando algumas questões acerca do aprovisionamento de materiais líticos por parte das comunidades humanas ali residentes durante a Pré-História.

Prevê-se que este trabalho seja continuado futuramente numa perspectiva mais aprofundada e detalhada, em concreto, através de análises petrográficas dos sílices identificados e da subsequente comparação com material arqueológico para ensaiar em bases sólidas a associação dos contextos arqueológicos às jazidas exploradas.

## Bibliografia

- AUBRY, T.; MANGADO, X. (2003) – Interpretation de l'approvisionnement en matières siliceuses sur les sites du Paléolithique Supérieur de la Vallée du Côa (Portugal). *Les matières premières lithiques en Préhistoire*. Aurillac: Service Regional de l'Archéologie d'Auvergne (Préhistoire du Sud-Ouest; Supplément n.º 5), p. 27-39.
- BICHO, N. F.; LINDLY, J.; STINER, M. C.; FERRING, C. R. (2000) – O processo de neolitização na Costa Sudoeste. *3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, III. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, p. 11-20.
- BICHO, N. F.; STINER, M. C.; LINDLY, J.; FERRING, C. R. (2003) – O Mesolítico e o Neolítico antigo da costa algarvia. In GONÇALVES, V. S., ed. – *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 25), p. 15-22.
- COSTA, J. B. (1985) – *Estudo e classificação das rochas por exame macroscópico*. 6.ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FERRING, C. R.; LINDLY, J.; BICHO, N. F.; STINER, M. C. (2000) – The Middle Paleolithic of Algarve. *3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Paleolítico da Península Ibérica*, II. Porto: A.D.E.C.A.P., p. 271-276.
- GOMES, M. V.; SILVA, C. T. (1987) – *Levantamento arqueológico do Algarve. Concelho de Vila do Bispo*. Faro: Secretaria de Estado da Cultura.
- LUEDTKE, B. E. (1992) – *An archeologist's guide to chert and flint*. Los Angeles: UCLA (Institute of Archaeology).
- SHOKLER, J. E. (2002) – Approaches to the sourcing of flint in archaeological contexts: results of research from Portuguese Estremadura. In HERRMANN, J. J.; HERZ, N.; NEWMAN, R., eds. – *Interdisciplinary studies on ancient stone*. London: Archetype Publications (Asmosia; 5), p. 176-187.

## Fontes cartográficas

- CARTA GEOLÓGICA DA REGIÃO DO ALGARVE. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1992. Escala: 1:100.000 (Folha Ocidental).
- CARTA COROGRÁFICA DE PORTUGAL. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 1972. Escala: 1:200.000 (Folha 7).
- CARTA MILITAR DE PORTUGAL. Lisboa: Serviços Cartográficos do Exército, Escala: 1:25.000 (Folhas 592, 593, 601, 602, 609).

TABELA 1. Tipos de sílex identificados

Tipos	Descrição sumária	Interior dos nódulos	Córtex dos nódulos
TIPO 1	A textura interior dos nódulos é uniforme, de cor branca, com grão bastante perceptível. Não existem inclusões. O córtex é de cor bege e de grão bastante perceptível, arenoso.	10YR8/2 (White)	10YR8/3 (Very pale brown)
TIPO 2	A cor interior dos nódulos é uniforme, de cor branco rosado, contendo inclusões em forma de pequenos pontos de cor negra de dimensões muito reduzidas e elevada concentração. O interior do nódulo é bastante rugoso, mas uniforme no seu todo. O córtex é avermelhado e de textura rugosa mas uniforme.	5YR8/2 (Pinkish white)	2.5YR4/6 (Red)
TIPO 3	A textura interior dos nódulos é uniforme, de cor bege, sem inclusões e de grão muito fino, imperceptível. O córtex destes nódulos é avermelhado, sendo uniforme e sem inclusões.	10YR8/3 (Very pale brown)	5YR5/6 (Yellowish red)
TIPO 4	Sílex de cor castanho acinzentado, de grão muito fino e imperceptível. Não existem inclusões e a sua superfície é uniforme. O córtex é de cor castanho amarelado, com inclusões de pequenos pontos de cor negra em elevado grau de concentração. A sua superfície é homogénea e de grão perceptível.	10YR5/2 (Grayish brown)	10YR6/4 (Light yellowish brown)
TIPO 5	Sílex de cor cinzento acastanhado, de distribuição uniforme, com grão imperceptível e textura uniforme e compacta. Não existem inclusões. Córtex de cor vermelho amarelado, sendo a sua textura uniforme e sem inclusões.	10YR6/2 (Light brownish gray)	5YR5/6 (Yellowish red)
TIPO 6	Sílex de cor cinzento clara, de distribuição uniforme, com grão imperceptível e textura uniforme e compacta. Não existem inclusões. Córtex de cor vermelho amarelado, sendo a sua textura uniforme e sem inclusões.	10YR7/2 (Light gray)	5YR5/6 (Yellowish red)
TIPO 7	Sílex de cor cinzento avermelhado, de grão muito fino e superfície homogénea, sem inclusões. O córtex é de cor amarelo acastanhado, com inclusão de pequenos pontos de cor negra em elevado grau de concentração.	5YR7/2 (Reddish gray)	10YR6/6 (Brownish yellow)
TIPO 8	Sílex de cor cinzento rosado, de grão muito fino embora perceptível. A sua superfície é homogénea e não existe presença de inclusões. Córtex de cor avermelhada uniforme e sem inclusões.	5YR7/2 (Pinkish gray)	5YR5/6 (Yellowish red)

Tipos	Descrição sumária	Interior dos nódulos	Córtex dos nódulos
TIPO 9	Sílex de grão muito fino e imperceptível de cor amarelada. Não tem inclusões embora existam alguns veios na sua estrutura interior. O córtex é de cor castanho escuro e tem uma superfície uniforme mas e sem inclusões.	10YR8/6 (Yellow)	7.5YR4/4 (Dark brown)
TIPO 10	Sílex de cor amarelo pálido, de grão muito fino e superfície homogénea, sem inclusões. O córtex é de cor amarelo acastanhado, com inclusão de pequenos pontos de cor negra em elevado grau de concentração.	2.5Y8/4 (Pale yellow)	10YR6/6 (Brownish yellow)
TIPO 11	Sílex de cor amarela avermelhada, com grão muito fino, imperceptível e textura uniforme e compacta. Não existem inclusões. Córtex de cor vermelho amarelado, sendo a sua textura uniforme e sem inclusões.	7.5YR8/6 (Reddish yellow)	5YR5/6 (Yellowish red)
TIPO 12	Sílex de cor rosa, de distribuição uniforme, com grão imperceptível e textura uniforme e compacta sem inclusões. Córtex de cor vermelho amarelado, sendo a sua textura uniforme e sem inclusões.	5YR7/4 (Pink)	5YR5/6 (Yellowish red)
TIPO 13	Sílex de grão fino e uniforme, sem inclusões. A cor do interior dos nódulos é rosa acinzentado, sendo a cor uniforme em todo o nódulo. O córtex é rosado e o seu grão é bastante perceptível. A textura do córtex é uniforme.	5R8/2 (Grayish pink)	5YR6/4 (Light reddish brown)
TIPO 14	Sílex de grão fino e uniforme, sem inclusões. A cor do interior dos nódulos é rosada, sendo a cor uniforme em todo o nódulo. O córtex é rosado e o seu grão é bastante perceptível. A textura do córtex é uniforme.	5R7/4 (Moderate pink)	5YR6/4 (Light reddish brown)
TIPO 15	Sílex de cor vermelha, de grão muito fino e imperceptível. A sua superfície é homogénea e sem inclusões. O córtex é de cor amarelo acastanhado, com inclusão de pequenos pontos de cor negra em elevado grau de concentração.	2.5YR4/6 (Red)	10YR6/6 (Brownish yellow)
TIPO 16	Sílex de cor avermelhada, de grão muito fino e superfície homogénea, sem inclusões. O córtex é de cor amarelo acastanhado, com inclusão de pequenos pontos de cor negra em elevado grau de concentração.	10R3/3 (Dusky red)	10YR6/6 (Brownish yellow)

Tipos	Descrição sumária	Interior dos nódulos	Córtex dos nódulos
TIPO 17	Sílex de cor avermelhada, de grão muito fino e imperceptível. Não existem inclusões e a sua superfície é uniforme. O córtex é de cor castanho amarelado, com inclusões de pequenos pontos de cor negra em elevado grau de concentração. A sua superfície é homogénea e de grão perceptível.	10R5/3 (Weak red)	10YR6/4 (Light yellowish brown)
TIPO 18	O interior dos nódulos são de cor preta, uniforme, e o grão é imperceptível, sendo toda a sua área homogénea. Nas zonas de extremidade a matéria torna-se translúcida. O córtex é de cor branca e de superfície porosa mas uniforme.	7.5YR2/0 (Black)	5YR8/1 (White)
TIPO 19	Sílex de cor interior cinzenta escura, de distribuição uniforme e grão imperceptível. Córtex de cor esbranquiçada, de superfície porosa e uniforme.	5YR4/1 (Dark gray)	5YR8/1 (White)
TIPO 20	Sílex de grão bastante perceptível, de textura homogénea e com ténues variações cromáticas entre as cores rosa acinzentado e rosa moderado. Estas variações subsistem sob a forma de bandas muito finas e ténues, sendo o "fundo" de cor rosa acinzentado. O córtex é de cor bege e de grão bastante perceptível, arenoso.	5R8/2 (Grayish pink) + 5R7/4 (Moderate pink)	10YR8/3 (Very pale brown)
TIPO 21	Sílex de cor cinzento rosado, com algumas bandas concêntricas muito finas, formadas por zonas de cor idêntica mas mais marcadas que o fundo. Estando estes nódulos incrustados no calcário não é possível identificar córtex específico que não apenas o próprio calcário.	5YR7/2 (Pinkish gray)	10YR7/1 (Light gray)
TIPO 22	Sílex de cor amarela, com bandas concêntricas bem definidas e de largura variável. As bandas são constituídas por diferenciação de intensidade da mesma cor. O córtex é de cor amarelo acastanhado, com inclusão de pequenos pontos de cor negra em elevado grau de concentração.	10YR7/6 (Yellow)	10YR6/6 (Brownish yellow)

TABELA 2. Inventário das jazidas de sílex

Jazidas	Tipo de jazida	Tipos de sílex	Talhe	Extensão da jazida	Dimensão dos nódulos
<b>CSV</b> Cabo de S. Vicente	B	TIPO 1 TIPO 20	não	200-300 m <sup>2</sup>	1-5 cm
<b>FZF</b> Foz dos Fornos	C	TIPO 1 TIPO 13 TIPO 14	não	50-100 m <sup>2</sup>	2,5-7 cm
<b>PTA</b> Ponta da Atalaia	C	TIPO 2	não	200 m <sup>2</sup>	2,5-7,5 cm
<b>PAL</b> Ponta dos Altos	C	TIPO 5 TIPO 6 TIPO 11 TIPO 12	sim	75 m <sup>2</sup>	1-4,5 cm
<b>PBX</b> Praia do Belixe	A	TIPO 21	não	25 m <sup>2</sup>	4-8 cm
<b>VST</b> Vale Santo	B	TIPO 7 TIPO 9 TIPO 10 TIPO 15 TIPO 16 TIPO 22	não	50 m <sup>2</sup>	2-8 cm
<b>BXN</b> Belixe Norte	B	TIPO 1 TIPO 9 TIPO 10 TIPO 11	não	100 m <sup>2</sup>	3,5-12 cm
<b>BXS</b> Belixe Sul	B	TIPO 1 TIPO 3 TIPO 4 TIPO 17	não	150 m <sup>2</sup>	1-10 cm
<b>AND</b> Andorinha	C	TIPO 3 TIPO 4 TIPO 8 TIPO 19	sim	50 m <sup>2</sup>	1-3 cm
<b>BLX</b> Belixe	achado isolado	TIPO 18	não	-	6 cm

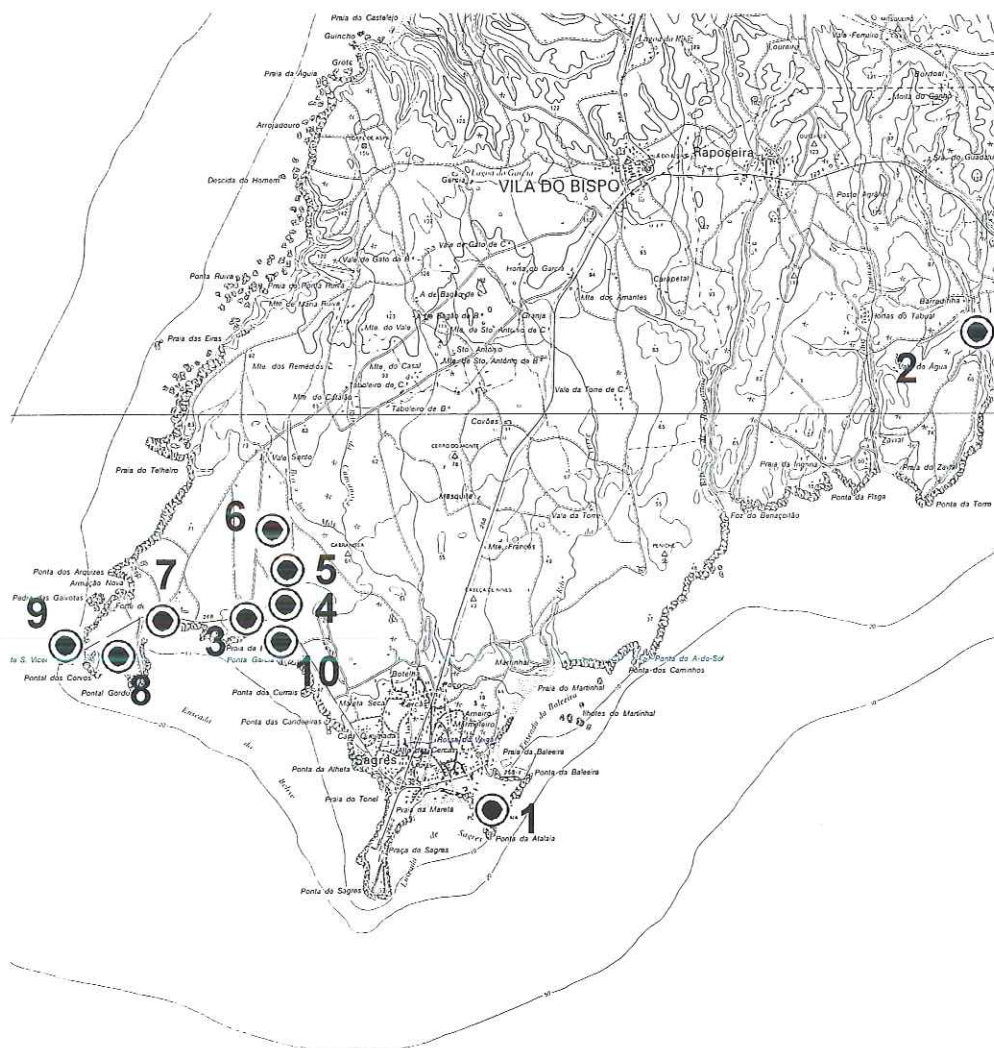


FIG. 1. Localização das jazidas de sílex da região de Vila do Bispo (sobre extrato da *Carta Corográfica de Portugal* à escala 1:50.000; folha 51-B, Vila do Bispo). 1 - Ponta da Atalaia (PTA); 2 - Andorinha (AND); 3 - Praia do Belixe (PBX); 4 - Belixe Sul (BXS); 5 - Belixe Norte (BXN); 6 - Vale Santo (VST); 7 - Ponta dos Altos (PAL); 8 - Foz dos Fornos (FZF); 9 - Cabo de S. Vicente (CSV); 10 - achado isolado.